

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS

ARTIGO FINAL - TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)

**QUANDO A EXPERIÊNCIA SE TRANSFORMA EM CANTO - UMA ANÁLISE DE
O SR. PIP DE LLOYD JONES**

Fernanda Carolina de Araujo Machado

Orientador: Prof. Dr. João Carlos Biella

Resumo: *O sr. Pip* é um romance escrito pelo jornalista neozelandês Lloyd Jones, publicado em 2007, e ambientado na Guerra Civil de Bougainville que aconteceu durante a década de 1990. O confronto é desencadeado pela chegada da mineradora anglo-australiana que explora a população e os recursos da ilha. A obra é narrada por Matilda, a menina de 13 anos testemunhou os horrores da guerra e se tornou responsável, anos mais tarde, por recuperar as vozes de seu povo e a leitura de *Grandes Esperanças* de Charles Dickens, mediada por seu professor. Neste artigo, desenvolvemos uma análise da experiência de leitura com base nos conceitos de experiência, memória e tradição em Benjamin (1987) e Larrosa (2014). Além de mobilizarmos o texto de Cademartori (2012) para fundamentar e de Wood (2011) para aprimorar a problematização. Observamos como a literatura constituiu o subterfúgio da protagonista e dos demais ilhéus, e como a experiência literária motivou o processo da formação da identidade e do processo de escrita da narradora-personagem.

Palavras-chave: Experiência de leitura; Memória; O sr. Pip; Lloyd Jones; Grandes Esperanças.

Introdução

A guerra civil que se arrastou pelos anos 90 teve como consequência a morte de cerca de 10% da população da ilha de Bougainville. O governo de Papua Nova Guiné não só foi conivente e lucrou com a exploração de recursos naturais e do povo originário da ilha, como também enviou seu exército para retaliar a população, num combate que durou cerca de uma década. Mas o armistício não cessou a violência: Papua impôs um bloqueio, deixando-os sem remédios, eletricidade, suprimentos e informação, separando-os totalmente do mundo além do pacífico. Este é o cenário de *O Sr. Pip*, romance publicado em 2007, escrito pelo jornalista neozelandês Lloyd Jones, que esteve na ilha durante o bloqueio.

Não apesar do espaço hostil em que vivem, mas, por causa dele, os bougainvillenses buscaram refúgio em suas mentes. O cerne da obra de Jones está no subterfúgio da personagem Matilda, menina de 13 anos que narra a história. Ela encontra um novo mundo no

clássico *Grandes Esperanças*, de Charles Dickens, recontado por Tom Christian Watts, seu professor. A leitura mediada diariamente por ele faz com que Matilda se aproxime, numa relação de amizade, e se aproprie, “entrando na pele” do Sr Pip, personagem central de Dickens. Essa aproximação é tão profunda, que Pip parece ganhar vida, não só diante do olhar de Matilda, mas também das outras crianças e ilhéus. Na escola, entre as sessões de leitura do cânone, os demais moradores se apresentam e recuperam fragmentos de sua tradição.

A obra mobiliza, assim, dois tipos de narradores, ficções e realidades que se entrecruzam sucessivamente. Desse modo, o objeto de análise do presente artigo são as relações entre memória e tradição entrelaçadas às questões de experiência.

A evasão da ilha

Na obra de *Jones*, o espaço é constituído por elementos disruptivos entre a paz e a guerra. Apesar da brutalidade do combate, a ilha parece “desrespeitosamente calma”. Numa manhã, os ilhéus acordam com o barulho de helicópteros e fogem para a mata, ao retornar para suas casas, encontram o horror.

Ninguém falava. Esperamos muito tempo. Ficamos ali imóveis. O suor pingava de nossos rostos [...] Na clareira, o sol caía sobre nossos animais mortos. Frangos e galos estavam espalhados por toda a parte. Suas cabeças estavam separadas dos corpos e era difícil saber que cabeça era de quem. [...] Olhar para aquele cachorro preto era ver sua irmã ou irmão naquele mesmo estado. Você via o quanto o sol podia ser desrespeitoso e como as palmeiras eram burras por tremular na direção do mar e do céu. A desgraça das árvores é que elas não têm consciência. (Jones, 2007, p. 48-49)

Este aspecto estilístico explora elementos contrários e produz uma grande força poética - a ilha que parece paradisíaca torna-se lenta e subitamente infernal. O paradoxo entre o lento e o súbito consiste, talvez, na estrutura formal do trecho destacado. Observamos acima orações curtas que se configuram como imagens estáticas da ilha: todos imóveis numa luz ofuscante, os animais mortos, o céu e as palmeiras. Assim, o efeito de sentido estabelecido é de quadros em sequência. Se comparamos estes a outros “trechos-quadros” que descrevem a beleza da ilha, a sensação provocada é de ser transportado para o meio do caos. Esta composição parece evidenciar algo relativo à guerra: é esperado, ao mesmo tempo, que a situação se complique e se resolva, mas não é possível prever o momento da ruptura.

Com a imprevisibilidade do conflito, muitos habitantes se exilam - dentre eles, o pai e os professores de Matilda, todas as pessoas que tiveram condições e coragem de abandonar seus lares. A determinação dos que decidem permanecer consiste em diferentes fatores: para a protagonista, o lar “engloba todas as coisas que dão forma à vida” (Jones, 2007, p.63) e na

considerável lista que ela tece, conferimos uma gradação de coisas boas e ruins que se misturam. Essa miscelânea representa tudo o que conhece, inclui também a esperança do cessar-fogo. O mundo de Matilda tem o tamanho de seu lar, e isso talvez explique a hesitação da protagonista no momento em que surge a possibilidade de deixar Bougainville.

Para o professor, a motivação não pode ser reduzida à sua esposa, a nativa Grace, mas ao seu passado fora daquele lugar: “Ele tinha o ar de alguém que tinha visto ou vivido um grande sofrimento e que não havia sido capaz de esquecê-lo. Seus olhos grandes [...] nos faziam pensar em alguém que está louco para sair de casa” (Jones, 2007, p. 09) A causa desse sofrimento permanece um mistério por grande parte da narrativa - até que, em determinado ponto, ele opta por partilhar com eles sobre sua vida fora dali. Este acontecimento será retomado no tópico que aborda o entrecruzamento dos narradores.

Assim, restam na ilha, majoritariamente, mulheres e crianças, os homens juntaram-se aos rebeldes para lutar contra os soldados de Papua. Todos os estrangeiros se refugiaram, com exceção do sr. Watts, ele é o último homem branco, o único que conhece a vida fora da ilha, e é quem assume, mesmo sem o preparo, o papel de novo professor das crianças. Todo o seu recurso consiste no exemplar de *Grandes Esperanças*, e isso é suficiente - pelo menos para Matilda.

O refúgio nas palavras

Enquanto deixar a ilha é uma impossibilidade, a população encontra formas de lidar com o bloqueio do tempo e espaço. Matilda faz uma descoberta que a auxilia no contexto presente e a acompanha por toda a vida:

Eu tinha encontrado um novo amigo. O surpreendente era onde eu o tinha encontrado – não no alto de uma árvore ou encostado num canto ou nadando num dos riachos da montanha, e sim num livro. Ninguém tinha nos dito para procurar um amigo ali. Nem que podíamos nos colocar na pele de outra pessoa. (Jones, 2007, p.31-32)

A leitura do clássico inglês, mediada pelo professor, oferece um lugar para Matilda se refugiar, um amigo com quem conversar. Essa identificação com a obra literária implica numa aproximação do personagem principal, que passa necessariamente pela figura do sr. Watts. A menina parece ser a primeira a perceber que ele possuía uma forma de amenizar sua própria voz para dar espaço à narrativa; característica determinante para que o protagonista de Dickens se materialize diante dela: “Quando ele as lia, tornava-se aquelas vozes. Essa foi outra coisa que nos impressionou - quando estava lendo, o sr. Watts tinha um jeito de se ausentar.” (Jones, 2007, p.32) A partir dessa associação, é possível observar as relações entre

Matilda, sr. Pip e sr. Watts, levando em conta a experiência de leitura da menina e a indissociabilidade criada entre professor e personagem.

A menina o observava como quem busca descobrir um segredo. Certamente, ao conhecer um novo mundo na história contada por ele, imagina que a vida do professor também seja permeada por acontecimentos significativos que o levariam até ali. A esse respeito, James Wood, em *Como funciona a ficção*, aborda a questão do encantamento psicológico, do que há de humano nos personagens que nos aproximamos. Assim, o autor questiona: “O que significa amar um personagem de ficção, sentir que o conhecemos? Que tipo de conhecimento é esse?” (Wood, 2011, p.106) E, ao discorrer sobre personagens bem construídos e os motivos que nos levam a questionar, associar e movimentá-los para observar melhor, o autor conclui, em outras palavras, que o que importa mesmo é que esse personagem seja marcante, a lembrança dele é como a lembrança de algo “obscuramente significativo”. E isto faz parte da experiência de Matilda. A percepção dela em relação ao mediador da leitura e o personagem são capazes de embasar essa ideia:

Passei a conhecer este Pip como se ele fosse real e eu pudesse sentir sua respiração no meu rosto. Eu tinha aprendido a entrar na alma de outra pessoa. E eu tentei fazer o mesmo com o Sr. Watts. Observei o rosto dele e tentei perceber como sua mente funcionava e o que ele pensava. (Jones, 2007, p.67)

A curiosidade da protagonista está ligada a uma sensibilidade ímpar. A figura do professor é, logo nas primeiras páginas, enigmática para todas as personagens: era chamado de “Olho Arregalado” e, por vezes, carregava sua esposa em uma carroça enquanto usava um nariz de palhaço, sem ligar para a zombaria decorrente disso. Mas o olhar da menina estabelece um contraponto. Ela vai além. A mediação da leitura e uma perspectiva comum sobre questões que emergem da obra lida, possibilitam a proximidade da relação professor-aluno, desse modo, ela o enxerga com profunda admiração e encantamento. Ele corresponde ao depositar confiança na jovem, tornando-a tradutora de seus relatos e confidente de alguns segredos. Essa relação é decisiva para que ela se torne responsável por guardar na memória e recontar, posteriormente, as histórias que ouviu na ilha.

O alicerce desta ligação está em elementos, inicialmente, muito simples - o sr. Watts, antes de começar a leitura, diz: “Eu quero que este seja um lugar de luz”, e juntos, eles organizam a escola, as crianças se aquietam numa grande expectativa do que está por vir, e o professor prossegue falando com honestidade sobre o futuro deles. Isto chama a atenção: “Pela primeira vez, estávamos ouvindo que o futuro era incerto.” Esta sinceridade é imprescindível para a criação do elo que os une. Também pela primeira vez, eles ouvem uma

leitura em inglês, e, por isso, precisam prestar atenção na forma e som de cada palavra. Parecem detalhes, mas estes elementos em conjunto são capazes de constituir a leitura como experiência. Sob o ponto de vista da protagonista percebemos como isso ocorre:

Ele continuou a ler e nós, a escutar. Levou algum tempo para parar, mas, quando ergueu os olhos, nós estávamos paralisados pelo silêncio. O fluxo de palavras tinha terminado. Vagarosamente, voltamos aos nossos corpos e às nossas vidas. (Jones, 2007, p.28)

A descrição de Matilda ao sentir o seu corpo despertar pode ser associada ao que afirmam Larrosa e Kohan na introdução de *Tremores: Escritos sobre a experiência*, os coordenadores da coleção introduzem a discussão ponderando a associação entre experiência, escritura e educação. A experiência é imprescindível, é o que dá sentido a todas as práticas - escolares ou não - a todas as vivências. Analisemos, assim, a experiência da grande leitora de *Grandes Esperanças*, com base nas proposições de Larrosa:

A experiência é algo que (nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão, e que às vezes, algumas vezes, quando cai em mãos de alguém capaz de dar forma a esse tremor, então, somente então, se converte em canto. E esse canto atravessa o tempo e o espaço. (Larrosa, 2014, p. 10)

O processo de experiência, ao mesmo tempo, afasta da realidade e faz despertar para a vida. Leva tempo, mas a experiência de leitura se transforma em escritura, Matilda dá forma a tudo aquilo que faz parte da sua essência. O seu canto atravessa o tempo, o espaço e a memória. Apesar de suprimir as dolorosas lembranças associadas à guerra, à perda de sua mãe, de seu professor e de seu lar, ela escreve. Ela é acompanhada de *Grandes Esperanças* por onde vai - da Nova Zelândia à Inglaterra - o contato com a obra parece ter sido o amparo que a manteve conectada, ainda que inconscientemente, a Bougainville. De diversas e notáveis formas, o clássico permanece. Desde a sua primeira leitura do texto original, sem a mediação do sr. Watts - até a sua trajetória acadêmica, cujo objeto de pesquisa é a obra de Dickens. Quando ela consegue, finalmente, escrever sobre suas experiências, ela inclui as vozes daqueles que ficaram para trás, principalmente das pessoas que ela mais amou.

A indissociabilidade entre sr. Watts e sr. Pip

Estabelecidos alguns aspectos que caracterizam a importante relação entre Matilda, o livro e seu professor, bem como os elementos que compõem sua experiência, tratemos, então, da inerência entre Watts e Pip e como isso é percebido pelos outros habitantes. A mistura acontece, em partes, pela forma com que Tom apropria-se do clássico inglês - há evidências

na narrativa do quanto *Grandes Esperanças* é uma obra significativa para ele. A implicação disso é uma leitura natural e autêntica, ele adapta para a realidade em que vivem alguns trechos de Dickens, e isso resulta na aproximação mais palpável dos estudantes à obra. Sobre esta característica do narrar, Walter Benjamin, em *O Narrador - considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*, teorizou: "Quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará à sua própria experiência." (Benjamin, 1987, p. 204) Deste modo, recuperando o que foi exposto, Matilda é a primeira a perceber esse fenômeno que mescla professor e personagem, na sequência, os demais alunos e seus familiares, por fim, os soldados de Papua e os rebeldes, respectivamente.

A percepção destes outros é destoante da protagonista. Dolores Laimo, mãe da menina, estabelece o maior contraponto, ela trava um embate contra o livro e o responsável pela leitura. Ao se deparar com o tamanho envolvimento que a filha desenvolveu em pouco tempo com a obra, nos interessa, os modos que a mãe encontra de tentar controlá-la. Diante da transição no modo de pensar e agir, receia demasiadamente perdê-la para um mundo branco, tornando-se incapaz de enxergar o que Matilda compreendeu:

Não podia ver o que nós, crianças, tínhamos conseguido ver: um homem bondoso. Ela só via um homem branco. E homens brancos tinham roubado seu marido e meu pai. Homens brancos eram culpados pelas minas e pelo bloqueio. Um homem branco tinha dado nome à nossa ilha. Homens brancos tinham dado o meu nome. Nessa altura, já estava claro que o mundo branco havia nos esquecido. (Jones, 2006, p.58)

O conflito ideológico entre a sra. Laimo e o sr. Watts, além de perpassar a questão racial, cultural e colonial exposta acima, é constituído por inúmeras outras divergências. A população nativa culpa Tom pela decadência de Grace - ela havia se mudado para a Nova Zelândia para estudar odontologia e, ao invés de retornar apta a cuidar de seu povo, ela volta apática e casada com um homem rejeitado por eles. Importante salientar que, apesar dessa antipatia coletiva, a iniciativa de Watts tornar-se professor é vista, de modo geral, com bons olhos pelos bougainvillienses, quem se opõe de modo direto é Dolores. Além disso, há um outro aspecto um tanto irônico: o professor, ocupando a representação do mundo branco, e, em teoria, o papel de colonizador da terra e da fé alheia, é ateu, enquanto Dolores é uma religiosa fervorosa que encontra o seu amparo na bíblia. Nesse sentido, o conflito se estreita e as crenças das personagens também devem ser consideradas no desenvolvimento da narrativa.

Na busca de atenuar a situação, o sr. Watts convida alguns ilhéus para partilhar conhecimentos com as crianças em sala de aula. Essa estratégia visa uma dupla articulação: a esperança de que, desse modo, os adultos compreendam a importância da literatura para as crianças, especialmente neste momento de guerra, além de visar a valorização das narrativas e tradições locais. Mas, para Dolores, a tentativa é irrelevante: “Eu sei - ela disse - que o sr. Watts tem contado histórias para vocês, e uma história em particular, mas quero dizer o seguinte: histórias têm uma função. Elas não podem ficar jogadas por aí como cachorros vadios. Elas têm de ensinar alguma coisa.” (Jones, 2007, p. 98) A sra. Laimo se mostra, até o momento, incapaz de compreender o valor da ficção para eles. As visitas dela à sala de aula demarcam uma forte oposição de ideais.

Dolores não pode, dessa forma, desassociar o embate que insiste em travar contra o professor da aversão à obra lida. Ao ver Pip ocupar os pensamentos da filha, tenta substituí-lo por seus parentes, oferecendo mais pessoas para a menina brincar. Diante do fracasso da tentativa ela demonstra profunda contrariedade - e essa é a provável motivação para furtar o exemplar do livro. Isso culmina, indiretamente, numa das maiores violências cometidas pelos soldados de Papua. Em síntese, os papuásios encontram na areia da praia o nome Pip, escrito pela leitora mais ávida da obra. Na sua ignorância, os militares acreditam se tratar de um inimigo infiltrado; o professor tenta explicar a eles que Pip é o personagem de um livro. Mas, quando não conseguem encontrá-lo em sua primeira busca, eles supõem que estão sendo enganados e queimam todos os pertences da população. A confusão se agrava quando os soldados, ao retornarem uma semana depois, incendiam as casas de toda a comunidade.

Logo após esse ato de crueldade, Matilda descobre que sua mãe havia escondido o exemplar de *Grandes Esperanças* e deixado que o professor levasse a culpa pela perda de todos. A menina enxerga esse ato como uma traição covarde, e sua profunda mágoa afasta as duas: “Se eu estivesse disposta ou fosse capaz de romper o meu silêncio, teria falado com ela na sua própria linguagem. Teria dito que o demônio tinha se apoderado dela.” (Jones, 2007, p.123) Por mais que tente, ela permanece imóvel. Guardar este segredo torna-se um fardo para a menina, ela sente-se traída, partilha da culpa que a mãe carrega e se compadece pelo professor.

Ademais, diante de todas as perdas, a menina receia que algo essencial não poderá ser restituído: “No primeiro incêndio, as pessoas tinham perdido bens e coisas especiais [...] Desta vez, as pessoas perderam sua privacidade [...] Eu tinha descoberto que a casa mais simples pode abrigar uma fantasia ou um sonho. [...] Preocupe-me a respeito da minha vida secreta com Pip. Eu tornaria a encontrá-lo sob as árvores ou na praia?” (JONES, 2007. p.131)

Este espaço para sonhar é muito caro a todos os ilhéus que compartilham da mesma realidade. Neste momento, mais uma vez e mais que antes, o professor é responsável por ajudar as crianças a encontrar abrigo em suas mentes:

- Fechem os olhos e pronunciem silenciosamente os seus nomes.

O som do meu nome me levou para um lugar bem no fundo da minha cabeça. Eu já sabia que palavras podiam levar você para um mundo novo, mas não sabia que a força de uma única palavra pronunciada apenas para os meus ouvidos me levaria a um lugar que todos desconheciam. (Jones, 2007. p. 136)

Na ausência de um teto e da segurança, sua própria voz lhe bastou. Em linhas gerais, compreendemos como o lar (re)configura-se para a personagem-narradora e como, apesar da confusão ao perceber dois ideais totalmente distintos, ela consegue ponderar quais valores deve tomar para si mesma. É evidente que isso leva tempo, ela consegue contar a história de sua mãe, de seu povo e de Tom somente anos mais tarde, quando já se tornou adulta. Ao escrever, deixa as marcas de sua confusão enquanto criança, ao mesmo passo que revela sua compreensão mais madura daquilo que não podia ser nítido em meio ao caos.

A memória e o entrecruzamento dos tipos de narrador

Ponderar e incorporar esses ideais distintos dá a Matilda a capacidade de assumir na narrativa os dois tipos de narrador propostos por Walter Benjamin. Em meio às inúmeras vozes que permeiam a obra, a de Matilda dá abertura a todas as outras, e isso acontece de modo muito natural - assim como Watts e Pip se mesclam na narrativa de Jones, a voz da protagonista também se mistura à de seu povo. Através das memórias dela, recuperamos a leitura coletiva de *Grandes Esperanças* e a tradição da ilha. Considerando que a memória, ainda que subjetiva, é também coletiva, tratemos destes dois tópicos - pluralidade do narrador e memória - concomitantemente.

Em primeira instância, recuperemos o compromisso que os alunos assumem de resgatar o livro perdido na fogueira - um exercício de memória. Neste momento, a menina percebe que a história ocupa tanto os pensamentos de outras crianças como os dela, e compreende que existem diferentes percepções sobre diferentes trechos. Ao recuperar uma cena que relata a implicância de Estella contra Pip, o professor explica a eles que aquele é um elemento importante, e pede para que eles busquem um “fragmento intocado”, isto é, nas palavras exatas. Quando a tentativa não funciona, o recurso é buscar a *essência* da passagem. Por mais que se esforcem, as palavras fogem deles. E, considerando o tema do excerto, Matilda sabe exatamente onde procurar a essência: na implicância de sua mãe:

Antigamente eu teria me afastado, quando ela começasse a atacar o sr. Watts - agora eu a ouvia. No deboche dela, eu ouvia Estella. Então eu andava atrás dela como um cão atrás de um resto de comida. Eu a seguia [...] Ela me xingava [...]
- Qual é o seu problema, garota. Você não tem a sua própria sombra para brincar?
(Jones, 2007, p. 145)

A menina apresenta esta fala aos colegas como algo que traduz a essência da personagem Estella. Assim, se valendo da imaginação como forma de combate à prisão na ilha, o exercício deles progride, alternando e associando elementos da ficção lida e de sua realidade. A memória é um elemento importante neste momento, através dela, eles recuperam a capacidade de se transportar para outros lugares. A memória, posteriormente tem outra função para a “meta-escritora” Matilda - é a base da estruturação de seus relatos, a partir da memória, a jovem seleciona o que há de mais marcante no campo das emoções.

Sabemos, que por esta razão os seus relatos sempre se voltam para sua mãe e seu professor, estes, por sua vez, podem ser observados como a síntese dos dois tipos essenciais de narradores que Walter Benjamin teoriza em *O Narrador* - considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Benjamin condensa esses dois tipos em “camponês” e “marinheiro”:

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. [...] Entre estes, existem dois grupos, que se interpenetram de múltiplas maneiras. A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes esses dois grupos. “Quem viaja tem muito o que contar”, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições. (Benjamin, 1987, p. 198-199)

Estes tipos podem ser transpostos no objeto de análise em “professor estrangeiro” e “ilhéus”. Para observá-los, poremos em destaque os discursos em disputa, exemplificado no embate entre Dolores e Tom; os discursos em harmonia, como quando os outros pais contam suas histórias na escola; e, por fim, o momento em que estes discursos se mesclam, é o caso de Watts contar a sua história, de Grace e sua filha Sarah.

Assim como Tom recorre a Dickens, Matilda recorre à experiência de seu povo e seu professor. Assumimos, ainda, que existe uma certa mobilidade entre estes dois tipos. Assim: se o leitor de *O sr. Pip* está geográfica e/ou culturalmente distante de Bougainville, então as histórias dos ilhéus correspondem, na verdade, ao narrador “marinheiro”. Neste sentido, a narrativa mais distante da realidade do leitor pode lhe parecer mais interessante, da mesma forma que as crianças de Bougainville se maravilhavam pelo romance inglês.

Para ilustrar, vejamos como eles percebem a participação dos nativos em suas aulas: “Sempre observamos o rosto do sr. Watts buscando alguma indicação de que o que estávamos ouvindo era uma grande bobagem. O rosto dele nunca nos deu essa indicação.” (Jones, 2007,

p. 67) As crianças pareciam esperar algo insignificante, os ilhéus dirigiam-se à escola inseguros, mas partilhavam conhecimentos muito valiosos. Suas contribuições não se limitavam ao caráter prático - como pescar, como saber dos tempos de chuva... mas também representavam lições sobre sonhos, cores e esperanças. Quando a contadora de histórias era uma “velhinha de olhos fracos”, as crianças desconfiaram ainda mais, entretanto, o relato da avó de Daniel é certamente um dos trechos mais poéticos da narrativa:

Azul é a cor do Pacífico. É o ar que respiramos. Azul é o intervalo de ar entre todas as coisas, como as palmeiras e os telhados de zinco. [...] É surpreendente como a cor azul está sempre aparecendo [...] É só olhar que você vê. Você pode encontrar o azul espiando pelas frestas do cais em Kieta. [...] O azul tem poderes mágicos também, [...] pertence ao céu e não pode ser roubado, razão pela qual os missionários grudaram azul nas janelas das primeiras igrejas que construíram aqui na ilha. (Jones, 2007, p. 68-69)

Este "intervalo de ar entre todas as coisas" remete à forma com que os ilhéus, apesar do contexto da guerra, enxergam a terra que vivem como o seu maior bem. Isto surge notoriamente em outros trechos - por exemplo, os pensamentos de Matilda, com um ar de autoconsolação, ainda passeiam pelo que lhes restou ao ver todas as casas queimadas: o barco, o riacho, a sombra, as frutas, e, é claro, suas memórias.

Estes trechos delineiam um modo que não parece ser próprio da menina, mas uma forma cultural de perceber a realidade, algo de sua tradição. Além disso, a visão do povo sobre as cores revela muitas crenças que podem ser postas em contraste. O retrato do azul associa natureza e espiritualidade, o branco aparece, pela primeira vez, sob a perspectiva da menina e de seu avô, como algo que simboliza todas as coisas mais importantes: remédios, sorvete, a lua. E ressurgem muitos capítulos depois, quando o professor recupera a visão de Grace: "E, então, para o espanto de todos nós, crianças, começamos a ouvir todos os fragmentos que nossas mães, tios e tias tinham levado para a aula [...] O sr. Watts estava contando a história a partir da nossa experiência de vida, das coisas que tinham sido compartilhadas conosco na sala de aula." (Jones, 2007, p. 194)

As crianças percebem que a sua visão de mundo foi levada ao continente por Grace, e neste sentido, parecem reconhecer com maior entusiasmo as suas tradições. O sr. Watts põe a sua percepção lado a lado da deles: “O branco mais branco, ele disse, é o interior de um vaso sanitário. Brancura é sinônimo de limpeza. Limpeza é sinônimo de divindade.” (Jones, 2007, p. 195) Ao contrário da percepção deles, a ideia de branco do sr. Watts traz a sensação de assepsia. E, assim, eles vão juntos contrastando seus ideais. Neste ínterim, retomamos novamente as proposições de Benjamin - a figura do narrador ganha mais força, é mais

completa e complexa quando há a oposição cultural dos dois tipos de narrador, seja numa relação de concorrência ou de consonância.

Isso se manifesta nas crenças dos ilhéus, que permeiam todos os relatos, ora de forma sutil, ora de modo acentuado. Neste entrecruzamento, evocamos o discurso do pai de Gilbert:

Vejam todos aqueles peixes mortos com as bocas e os olhos abertos. Eles não podem acreditar que não estão no mar e que nunca estarão lá de novo. [...] À noite, os danados dos cachorros e galos perseguem sonhos e os partem ao meio. A única coisa boa em relação a um sonho partido é que você depois consegue recuperar o fio da meada. Aliás, os peixes vão para o céu. Não acreditem se alguém disser o contrário. (Jones, 2007, p. 70)

O primeiro fragmento de *O Sr. Pip* apresentado neste artigo mostra a forma com que os ilhéus encaram a morte de seus galos e cachorros - "Olhar para aquele cachorro preto era ver sua irmã ou irmão naquele mesmo estado." Mais uma vez, a visão dos ilhéus sobre a morte dos animais ganha destaque. Algo de sua relação com a natureza e a ilha sincretiza-se com a crença católica, eles acreditam que todos os seres vivos vão para o céu, acreditam também, que é necessário acreditar em algo - esse é o seu modo de manter a esperança. "Vocês precisam acreditar em alguma coisa. Precisam sim. Até as folhas de palmeiras acreditam no ar. E os peixes acreditam no mar." (Jones, 2007, p. 51) Os povos que se lembram da vida antes dos missionários preferem acreditar nos ensinamentos da natureza. Outros acreditam na palavra do "livro bom".

Neste sentido, a descrença do professor chama a atenção do povo autóctone, além de todas as suas peculiaridades de sua personalidade. Talvez por isso, quando ele resolve contar a sua história, todos se juntam, curiosos, para saber sobre o homem branco. A escuta é motivada inicialmente pela curiosidade, mas com o tempo, todos - incluindo Dolores - se encantam pela história de Pip. A narrativa atravessa toda a obra como mecanismo de sobrevivência. Primeiro, para ele próprio, afinal, antes de tornar-se professor, nunca havia sido visto conversando com ninguém. Depois, para as crianças, criando o seu abrigo. E, finalmente, como forma de salvar todos eles da fúria dos rambos, que depois de muito tempo em guerra na floresta, retornaram diferentes do que eram.

Eles chegam ao povoado em busca de meninas, a ameaça de violência sexual iminente preocupa todos eles. "Vimos isso em seus olhos e no modo como eles moviam as cabeças. Eles tinham-se tornado criaturas da floresta [...] Por trás daquelas bocas manchadas de bétel e daqueles olhos desvairados (...)" (Jones, 2007, p. 173) A forma de contornar a circunstância truculenta é, surpreendentemente, a narrativa. O sr. Watts consegue restabelecer a ordem e

começa a contar a história de Pip como se fosse a sua. Como ele faz isso apenas com a força de sua voz? Talvez seja possível explicar a partir de Benjamin - houve um refinamento da narrativa a fim de prender a atenção dos ouvintes - é o mesmo caso d'*As mil e uma noites*, por exemplo. O professor pede sete noites para contar sua história sob a condição de não ser interrompido e, por dominar as estratégias descritas em *O narrador*, obtém sucesso: "Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver." (Benjamin, 1987, p. 204). Nem todos os relatos são compreendidos no momento, e estes mistérios fazem a manutenção da força poética.

Matilda exprime o temor inicial: "A primeira noite foi a mais assustadora porque não sabíamos qual era a profundidade do interesse dos rambos nem qual era o tamanho da paciência deles." (Jones, 2006, p. 178) No entanto, ao longo da semana, a situação torna-se mais branda. A decisão de misturar professor e personagem, é dessa vez mais arriscada, porém, a menina compreende a motivação disso: "(...) seria um papel conveniente para o sr. Watts assumir. Se ele quisesse poderia contar a história de Pip como o sr. Dickens havia contado (...) ou então poderia tomar alguns elementos dela (...) e criar algo novo. O sr Watts escolheu a segunda opção." (Jones, 2007, p. 179) Aqueles rebeldes a muito tempo não ouviam alguém contando alguma história, e o professor toma proveito disso.

Associando esse fator ao que teoriza Benjamin, podemos compreender algo que corrobora para a tentativa de prender a atenção deles: "(...) o tédio é o ponto mais alto da distensão psíquica. O tédio é o pássaro de sonho que choca os ovos da experiência" (Benjamin, 1987, p. 204) Logo, o espaço que se abre para a imaginação foi suficiente para acalmar os ânimos quando necessário. Na sequência, Tom conta mais sobre sua aproximação de Grace, e a ilha inteira reúne-se atenta a cada palavra:

Ele nunca erguia a voz. Não precisava. Os únicos ruídos que se ouviam eram o fogo crepitando, o mar sussurrando e a vida noturna nas árvores despertando dos seus sonos diurnos. Mas, ao ouvir a voz do sr. Watts, as criaturas também emudeciam. Até as árvores prestavam atenção. E as mulheres velhas também, e com o respeito que antes reservavam para orar." (Jones, 2007, p. 187-188)

Este trecho sintetiza as qualidades do narrador defendidas por Benjamin - o narrador é um sábio, aquele que tem o dom de recorrer ao acervo de toda uma vida (que não necessariamente a sua) para, se necessário, salvar a própria pele e a dos outros. Ele é a grande inspiração de Matilda: "Não vou tentar imitá-lo mais do que fiz até agora" (Jones, 2007, p. 189) E parece razoável afirmar que sua voz ecoou dando força para que a jovem continuasse a

contar essa história. Assim, ela restitui a capacidade de contar as mesmas narrativas: "A relação ingênua entre o ouvinte e o narrador é dominada pelo interesse em conservar o que foi narrado." (Benjamin, 1987, p. 210)

Tratemos, por fim, da mistura dos mundos de Grace e Tom no quarto sobressalente. Este é o lugar em que o casal preencheu com seus mundos diferentes, para que a filha cor de café escolhesse em quem acreditar. Na parede, anotaram elementos de sua tradição, crenças, ou quaisquer ensinamentos que consideraram úteis, e deixaram para que o acaso resolvesse. Vemos estes fragmentos a partir da lembrança da narradora-protagonista: "Eu desconfio de que só as listas mais rebuscadas e esquisitas que cobriam as paredes é que ficaram na minha memória. Algumas eu misturei. As mais comuns e possivelmente mais sutis eu esqueci." (Jones, 2007, p. 197) O inusitado é que, a partir disso, Matilda partilha somente as crenças de Grace. "A história do mundo", "Sonhos partidos", "Como encontrar sua alma" e todas as pequenas lições são facilmente reconhecíveis como escritos de Grace.

Esta seleção não parece intencional, sequer, consciente. Acontece que a mãe de Sarah foi capaz de transmitir seu senso de humor de forma bem simples. O pai reconhecia seu fiasco, supõe que suas listas na parede eram chatas e que bastaria uma risada da mãe para que a filha se convencesse da existência de Deus. Toda a população vibrava quando ouviam algo de Grace e percebia que era deles próprios. Talvez por isso, estes trechos tenham permanecido no fundo da memória de Matilda, pela alegria compartilhada de ouvir um pouco de si. Ela conclui, por fim: "Aquela história que estávamos escutando não era absolutamente a história do sr. Watts. Nem dele nem de Grace. Era uma história inventada para a qual todos nós tínhamos contribuído. [...] Eu hoje acho que o sr. Watts estava nos devolvendo alguma coisa de nós mesmos na forma de uma história." (Jones, 2007, p. 204)

Considerações finais

O objetivo deste artigo foi analisar o modo como a protagonista de *O Sr. Pip* mobiliza suas memórias e toma como base suas vivências, tradições e experiência para recontar - a partir da voz de seu professor - a obra *Grandes Esperanças*, além dos horrores da chamada Revolução dos Cocos e a história dos ilhéus que ficaram para trás.

O referencial teórico, composto por Benjamin (1987), Larrosa (2014) e Wood (2011), nos permitiu observar as relações de harmonia e conflito entre os personagens, bem como a mobilidade dos tipos de narrador e como isso se constituiu.

Observamos o papel essencial da literatura para a manutenção da vida no cenário de guerra. Enquanto o espaço físico forneceu condições para a sobrevivência, o refúgio mental trouxe esperança e alento para a população. A presença de um professor que se envolve com a obra lida e que domina as características da narração, associando ficção e realidade foram determinantes para que isso ocorresse. Do mesmo modo, Matilda utiliza essa pluralidade de vozes e tradições para perpetuar sua história.

Referências

BENJAMIN, Walter. O Narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In: **Magia e técnica, arte e política: Ensaios sobre literatura e história da cultura***. Obras escolhidas, volume I, 3ª ed. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo - SP: Editora Brasiliense, 1987.

CADEMARTORI, Ligia. Uma voz que só você possa escutar. *In: **O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes***. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

JONES, Lloyd. **O sr. Pip**. Tradução de Léa Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre a experiência**. Tradução de Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

WOOD, James. **Como funciona a ficção**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2011.